

# A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL RECREATIVA

ANNO I—N.º 23 | Barcellos, 26 de Março de 1893 | CADA N.º 10 RS.

## PEQUENA CHRONICA

Vai um luar doce, como o osculo primeiro da primeira amante. Bate em cheio nas folhas noviças das arvores, como um lençol de prata nas ondinas argenteadas d'um lago. Noite cariciosa, noite perfumosa, noite deliciosa. Ha uma brisa suavissima, que tangue as petalas dos lyrios, e faz accordes maviosos na corola dos nenuphars. Noite luarenta, noite de noivado. A natureza está aberrima. Pulam das hastes os rebentos, como dos uberes das ovelhas gordas sahe o leite mugido pelo labio doce do anho...

N'esta paz e n'osta alacridade, lembro-me do livro do meu amigo Manoel da Graça. Um livro de versos, um livro de canticos.

Ouvi a leitura da maior parte d'esses hymnos, hymnos ás loiras, sonetos ás morenas, hendecassylabos á Polonia, metro maior e menor; mas em tudo e em todos—o coração.

O coração d'um poeta, que é como a pia baptismal d'uma igreja prehistorica. Banham-se nos seus sentimentos todas as dores e todas as alegrias, todos os sorrisos e todas as lagrimas.

E Manoel da Graça, nos seus versos, fere toda a escala chromatica d'estas manifestações externas d'um coração grande, um grande coração. Elle é romantico, elle é parnasiano. E' revolucionario cantando Cavour e Garibaldi, e é piegas choramingando as endeixas tristes do seu passado luarento, com nymphas enevoadas de tristeza e de caricias saudosas.

E eu sinto, no fundo da minha alma, como aquelle coração do Manoel, que é fibra e que é musculo, se dóe e se magôa.—vendo a córnea vestidura da cabeça tomar a côr alvacenta d'uma couve galega coberta de geada em dezembro! A materia sempre, sempre a materia. Por mais que haja espirito, por mais que haja talento, a epiderme ganha rugas, e a barba faz-se branca...

Mas o coração lá está no seu posto, fino como um coral e apaixonado como um D. Juan de capa e espada. Coração de poeta, com as orelhinhas arrebitadas, que nem um cardeal de batina vermelha.

Basta de litteratices. Duas palavras sobre o Gymnasio.

Está agonisante, está nas vascas da morte. E' pena. E' realmente pena.

Quem hade acudir-lhe? O Vallongo, que tem pilheria? Creio que sim. Este mundo deve levar-se a rir. E o Gymnasio precisa de barrigadas de riso. Mas quer-se um riso burguez, gargalhada, bocca bem aberta e mãos na ilharga, para não dar lucro aos boticarios. Não sei se me parecebem bem... Quando se ri de mais, ás vezes pede-se uma funda...

Se morrer, resemos-lhe pela alma.

No entanto, Carlos Paes, o loiro e sympathico socio, o bom moço e o intelligente amator, creio que lhe applicará algum medicamento cazeiro, a ver se o pobre tísico resiste.

E, se não resiste ás beberagens do sympathico moço, então não ha cu-

randeiro que lhe indireite a espinhella.

—Que aquillo, provavelmente, é espinhella cahida.

+

E, antes que esqueça:

Hontem á noite encontrei na ponte uma pequena desconhecida. Vestia bem, e não andava mal. O meu companheiro perguntou-lhe se tinha perdido o trinque da porta.

E ella, muito suggestiva:

—Não perdi. Venho de S. Bento, que fugi do kiosque.

—Qual kiosque?

—Aquelle em que eu  *fingia*  tentar o Santo...

—Ah!

—Mas não quero mais tentar santos. Ha cincoenta annos que o debico, e elle sempre distrahido, a ler, a ler...

—E agora?

—Vou tentar a humanidade.

E o meu companheiro, sem perder o sangue frio:

—Pois tu só para a humanidade tambem não é cousa que chegue...

—Chogo, chogo. Eu sou a Carne.

—E o Manoel da Graça é o espirito.

Z. Saramago.



## Galeria de homens illustres de Barcellos

(Continuado do n.º 22)

XIII

### Crequinha

O dia 22 d'agosto despontara risinho como o primeiro sorriso d'uma amante, depois d'uma separação de muitos dias. O murmúrio do rio que no inverno ameaçava tudo o que quisesse dominal-o, que era lugubre como os gemidos da tempestade em noi-

te borrascosa, era agora doce, poe tico, inebriante como a canção mais gentil da nossa primeira amada.

Estavamos em pleno estio, e o calor no seu auge convidava a rapaziada a refrescar-se no Cavado, em banhos amorosos, galhofeiros.

Quem olhasse para a ponte via alguns lavradores e lavradeiras que se dirigiam ao mercado apreciando aquellas sereias folgasãos, ora imergindo nas profundezas do abysmo, ora sossobrando a flor d'agua como penas brancas de pombas roladoras atravessando o espaço á mercê da brisa do meio dia

Entre os espectadores d'aquelle quadro, encontrava se um, baixo, um pouco corcunda, de chapéu desabado cobrindo uma cabeça com  *chinó* , sem barba, cara como um ovo, sorrisinho nos labios, alegre como o dia que a natureza fizera despontar tão bello.

Era o Crequinha.

O dia anterior tinha sido de lagrimas para elle, tinha sido aquelle em que a fria lousa cobrira para sempre o cadaver da sua primeira mulher.

Esse dia de tristeza, dia de pranto inconsolavel, fora talvez para elle um dia de ventura de felicidade extrema.

Tinha começado para o Crequinha uma vida nova, tinha-se-lhe aberto um caminho novo para conquistas e aventuras novas.

A's 5 horas da manhã divertia-se

## A Lagrima

a ver aquelle bando de rapazes cor-tando sem receio os cachões do rio em direcções diversas, e ás 3 tratava o casamento com a creada d'uma padaria do largo da Ponte. A mulher morta hontem e um casamento tratado hoje!

Dito e feito. Crequinha arrebolava-se ao mundo da inspiração, e por palavras e por cartas desfaz-se em declarações, que ficam bastante caras as suas *castas* e ambicionadas *Nerciades*.

Depois de alguns dias decorridos, espantou-se dos olhos da padeiri-nha, e virou de rumo para outra, e mais um cento, a quem elle promettia casamento, e de quem arranjou *bilhestres* para as suas extravagancias, e para tornar o seu *atelier* um verdadeiro *paraiso* terreal.

Por fim cansado de divagar por tantos corações femininos, seus contentrancos, expandiu-se ao largo procurando o amor d'uma deusa desconhecida.

Em janeiro de 82 appareceu aqui um vendilhão de quinquilherias que mantinha relações com uma apaixonada de Villa do Conde.

Este, maneta, não podia nem sa-na escrever. Pediu ao Crequinha que lhe lesse as cartas da sua ella e que lhe respondesse ás ditas.

Crequinha satisfazia ao pedido, e em todas as mensageiras mandava recommendações aos cestos, do sr. F. de T. o *Crequinha*.

D'entro em pouco virou-se o feitiço contra o feiticeiro.

A *sobre-dita-cuja* começa a escrever ao Crequinha, e não continua correspondencia com o desolado maneta.

O Crequinha afeito por aqui a sugar alguns cobres, ás lorpas das *soperras* começa por pedir á desconhecida Villacondense cobres após cobres.

Era esta a sua deuzaphantasiada!

Era um mar fecundissimo que elle antevia nos seus doirados sonhos.

Uns dias recebia coturnos, toallhas, lenços, notas de 500, 200 e 100 reis, outros beijos, amabilidades aos centos, e promettimentos ás carradas,

A sua ambição insaciavel não pára por aqui; pede-lhe 5:000 e ella manda-lh'os; pede-lhe 20:000 e ella manda-lhos e depois de tudo isto, de se consagrarem amor eterno, recebe o Crequinha da sua Mariquinhas uma carta que o manda suspender as suas relações com ella chamando-lhe pedincheiro, comedor etc. e que lamentamos não poder transcrever-a por ser extensa e o nosso jornal pequeno.

(Continua)

X.



## PROGREDIOR

Sim, senhores, o mundo marcha o com elle o progresso em todos os ramos, e, sobretudo, o progresso material.. E' de pasmar!..

A nossa pittoresca villa não se fica a traz. Obedece cegamente á voz do

## A Lagrima

trovão do seu rico senhor, por cujo poderoso braço se deixa conduzir á meza da communhão do progresso. Realmente, *depuis que le monde est monde* (vá lá uma tirada de francez, para variar), nunca vimos derramar sobre a nossa querida Barcellos tantos e tamanhos beneficios. E todos elles se devem ao mui alto e poderoso senhor **Borges**.

E' ver:—elle introduziu a agua nos domicilios d'esta villa; elle vae ligar Barcellos a Espozende por meio de uma linha ferro-americana a vapor; elle vae fazer... vae fazer *muchas cosas mas*, que por enquanto não estamos auctorisrdos a revelar. Não de ver, admirar e até pasmar!.. E, depois, a febre dos melhoramentos é contagiosa!

Agora, falla-se em illuminar esta villa a luz electrica! Viva a electricidade! Hurrah pelo progresso!..

Guerra ás velharias; guerra ao sebo e ao petroleo!.. Para longe tudo isso! Façamos da nossa Barcellos uma Venetza.

Postas as coisas n'este ponto, lembrou-se alguém (não sabemos se o sr. Borgès) de constituir uma companhia, para comprar por preços modicos, todos os candieiros de pretoleo, lamparinas, candieas e placas, que ficam condemnadas, e expol-os á venda nas visinhas povoações—Famalicão, Espozende, Fão, Villar do Monte etc... etc...

Como veem, é ganho certo, certissimo. Não sabemos se a lista dos accionistas já está fechada; se não estiver, pedimos para figurar n'ella a «Lagrima»; desejamos para a nossa colossal empreza jornalistica maior numero d'acções. Queremos ser ricos. Se é tão lindo ser rico!.. E se chegarmos a ser ricos, pedimos para ser requissimos. Nós cá somos assim, modestos a mais não ser! Até nos parece que ainda somos mais modestos do que o mimoso poeta das «Rosas do um dia», que, como sabem, é a modestia personificada.

+

Mais progresso. Agora é no alcaçar dos Tabordas, dos Soucasaux e... de todas as notabilidades theatraes!..

Morre o theatro? Vive o theatro? Os que dizem que sim, affirmam. Os que dizem não, contestam.

Nós, dizemos que sim, affirmamos. E nem podiamos deixar d'affirmar. Afinal, se morre o Gymnasio, nascem, vivem e prosperam em sua substituição, duas companhias theatraes importantissimas!.. E' ver:—troupe da guarda velha com *elementos novos* e troupe. Lorena ou do *Canudo*, como a denomina a velha matrona da «Folha da Manhã». E esta troupe tem feito progressos! A sua fama corre, caminha de sul a norte.

E, por hoje, basta de theatros e de progresso; mas promettemos continuar



**PERDIL**

Estatura regular. Chapeu molle, cingido por uma fita escura. Casaco acinzentado. Mãos nos bolsos. Dedilhador mimosissimo de guitarra. Auctor de varias peças musicaes, uma das quaes é dedicada como prova de estima e admiração a uma actriz que fez parte da troupe do Gymnasio. Não é adulator e nem muito palavreador, E' modestissimo. E' dos taes que as coisas entram-lhe por um ouvido e sahem-lhe por outro.

Zétil